A pesca artesanal brasileira: passado e presente visitados a partir dos “tipos e aspectos do Brasil”

Eduardo Schiavone Cardoso[1]

Resumo*: O objetivo do trabalho é analisar os tipos e aspectos relativos à atividade pesqueira no Brasil, retratados nas seções da Revista Brasileira de Geografia, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Foram pesquisados 13 excertos com ilustração de Percy Lau. O trabalho discorre sobre a presença dos personagens e das fainas pesqueiras descritas na época, em relação ao contexto da pesca brasileira da atualidade, mostrando suas transformações e sua permanência.*

Palavras-chave*: Pesca; Pescadores; Ilustrações; Tipos e Aspectos do Brasil.*

Brazilian artisan fishing: past and present a visited from “types and aspects of Brazil”

Abstract: This study aimed to is to analyze the types and aspects of fishing activity in Brazil, as portrayed in the sections of the Revista Brasileira de Geografia from the the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), published from 1939 until the 1970's. Thirteen excerpts with illustration by Percy Lau were analysed . This study debates the presence of the characters and fishing chores described at the time in relation to the context of fishing as perceived today highlighting not only its transformations throughout the years but also its permanence.

Keywords: Fishing; Fishermen; Illustrations; Types and Aspects of Brazil

Introdução

O objetivo deste trabalho é recorrer aos tipos e aspectos relativos à atividade pesqueira no Brasil, retratados nas seções homônimas da Revista Brasileira de Geografia, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e refletir sobre a presença desses personagens e das fainas pesqueiras no contexto da pesca brasileira da atualidade.

Empregar este material como foco de reflexão sobre a pesca brasileira tem por pressuposto que os sujeitos e paisagens retratados participam de processos produtivos e sociais que se atualizam e resistem na contemporaneidade e não se trata de um retrato do passado. Nesta

[1] Graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo, mestrado em Geografia pela Universidade de São Paulo, doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo, pós-doutorado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor Associado da Universidade Federal de Santa Maria - RS. E-mail: educard@smail.ufsm.br

perspectiva vislumbra-se o campo de conflitos e embates entre os sujeitos sociais presentes na produção de espaço geográfico brasileiro em suas diversas escalas.

Parte-se também do pressuposto de que os sujeitos retratados podem ser inseridos no contexto da pequena produção mercantil e tem no uso dos recursos naturais os esteios de sua reprodução econômica e social. A intenção inicial é de dar visibilidade ao trabalho de descrição visual e textual deste conjunto de sujeitos e paisagens presentes na bibliografia consultada.

O material para análise

"Tipos e Aspectos do Brasil" foi uma seção da Revista Brasileira de Geografia – RBG do Conselho Nacional de Geografia – órgão que dá origem ao IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Precisamente passa a compor a RBG a partir do número 4, publicado em 1939. Era composta por textos de autores convidados e uma gravura retratando o cotidiano de algum trabalhador brasileiro, de algum aspecto da natureza ou de um processo produtivo e cultural da Geografia do Brasil. As gravuras da seção ganham destaque por serem feitas com nanquim, sendo a quase totalidade desenhada pelo artista Percy Lau. Ao longo dos anos, coletâneas foram lançadas de modo independente, sob o título "Tipos e Aspectos do Brasil", contendo apenas essa seção da RBG, em separata. Para o presente estudo serão reportadas as edições de número seis e dez das coletâneas "Tipos e Aspectos do Brasil", publicadas pelo IBGE em 1956 e 1975 respectivamente.

As coletâneas que agregam os textos e gravuras da seção em questão encontram-se organizados a partir da divisão macroregional brasileira. No decorrer das publicações da RBG tal classificação é inexistente, sendo uma seção autônoma em relação aos demais conteúdos da revista. Na 6ª edição, datada de 1956, constam as seções das regiões Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-oeste, cada uma com 13, 26, 23, 23 e 11 excertos, totalizando 96 "tipos e aspectos". A décima edição apresenta a nomenclatura atual das macroregiões brasileiras e é composto por 24 "tipos e aspectos" da região Norte, 58 do Nordeste, 26 do Sudeste, 24 do Sul e 17 do Centro-oeste, totalizando 149 excertos. Esse número representa um incremento de mais 53 personagens e paisagens que compuseram a RBG entre os 19 anos que separam as duas edições.

Ressalta-se que a 10ª edição comporta todos os excertos presentes na edição de 1956, porém reagrupados de acordo com a divisão macroregional de 1975, que muda os contornos das regiões da década de 1950, acrescida de seções publicadas na RBG no intervalo entre as duas edições.

No caso da atividade pesqueira encontram-se muitas citações ao longo do volume de 1975, totalizando 13 excertos selecionados. Além das onze seções presentes na edição de 1956, dois novos elementos são publicados e compõe um material bastante extenso de tipos e aspectos ligados às pescarias. Destacam-se duas seções para a pesca do pirarucu nos lagos da bacia amazônica, a pesca de tarrafa, a jangada e os viveiros de peixe para a região nordeste e a pesca de cerco da tainha para as regiões sudeste e sul, por exemplo. O Quadro 1 mostra os títulos, os autores e as regiões onde ocorrem os tipos e aspectos selecionados, lembrando que todas as ilustrações são de Percy Lau.

Quadro 1 – O material selecionado e os agrupamentos regionais das coletâneas Tipos e Aspectos do Brasil
Fonte: IBGE (1956, 1975)

Nome da seção	Macroregião 1956/1975	Autor
Pescadores do litoral sul	Sul/Sudeste	Elza Coelho de Souza
A casa do praiano	Sul/Sudeste	Léia Quintière
O espia	Leste/Sudeste	Nelson Werneck Sodré
Costeiras	Leste/Sudeste	Nelson Werneck Sodré
Restinga	Leste/Sudeste	Elza Coelho de Souza
Manguezais	Leste/Nordeste	Carlos Pedrosa
Jangadeiro	Nordeste/Nordeste	Lindalvo B. dos Santos
O pescador de tarrafa	Nordeste/Nordeste	Carlos Pedrosa
Tipos de pesca no nordeste	Não consta/Nordeste	Francisco B. Leite
Viveiros de peixe do Recife	Nordeste/Nordeste	Carlos Pedrosa
Caiçaras do Nordeste	Não consta/Nordeste	Myrian Gomes C. Neto
Pesca do pirarucu	Norte/Norte	José V. da Costa Pereira
Pescador de pirarucu	Norte/Norte	José V. da Costa Pereira

A representação dos personagens e das paisagens na Revista Brasileira de Geografia pode ser pensada enquanto uma maneira de conhecer o território brasileiro em suas nuances regionais, especialmente das zonas rurais. Os textos que acompanham os desenhos

descrevem cenas do cotidiano e dos processos de trabalho de um conjunto de sujeitos sociais elencados e retratados nas seções da revista em quase meio século.

Quanto aos desenhos, o trabalho de Percy Lau é de extrema importância, tão bem refletidas nos seguintes versos escritos por Carlos Drummond de Andrade na ocasião do falecimento do artista no início da década de 1970, transcritos no Quadro 2. Nas seções das coletâneas aparecem minimamente dois desenhos, sendo um que busca retratar de maneira fiel o tema trabalhado e um segundo, de característica mais abstrata, disposto ao final dos capítulos. Trataremos o primeiro de principal e o segundo de acessório, à medida que serão empregados na análise.

Quadro 2 – Poema em homenagem a Percy Lau
Fonte: Andrade (2015)

PERDA
Os peões, os seringueiros, os pescadores de surubim, os canoeiros, as baianas do acarajé, os ervateiros do sul, os carreiros paraibanos, as rendeiras sentadas, cachimbando e tecendo, o vendedor aquático de açaí, os índios, a gente que trabalha nos mundos do Brasil, os bois do Mato Grosso, os cavalos do pampa, os jacarés esculpidos água de Marajó e as vitórias-régias, os carnaubais, ou a perder de vista canaviais que o vento acaricia, as plantas, as pedras, as paisagens e os pertences da casa, as roupas de couro, os arreios, o viver geral e humilde, a terra brasileira em seus infinitos matizes e vivências, tudo quedou triste, sem ruído: morreu Percy Lau, que desenhava o Brasil.

A gente que trabalha nos mundos da pesca do Brasil

Em uma primeira sistematização podem ser diferenciados os excertos que tratam dos tipos humanos e outro conjunto que trata dos aspectos paisagísticos. Alguns dos textos selecionados mostram tipos humanos ligados às fainas de pesca como o pescador de fisga para a captura do pirarucu (Fig. 1), o pescador de tarrafa (Fig. 2), os jangadeiros (Fig. 3), o espia (Fig. 4) e as turmas de pesca de tainha (Fig. 5) e a pesca de armadilha no nordeste

(Fig.6). Há casos onde o pescador é retratado com uma dupla identidade: a identidade laboral de pescador e a identidade locacional. Tal questão perpassa outros sujeitos retratados nos “Tipos e aspectos do Brasil” que apresentam distintas identificações tais como – o garimpeiro ou seringueiro identificados pelos distintos ofícios, ou então os vaqueiros do nordeste, o gaúcho, as rendeiras do nordeste – tipos identificados pela localidade que habitam e também pelo ofício ou hábito cultural.

Dentre o conjunto das populações rurais brasileiras, é corrente o tratamento ligado ao ofício e à localidade. Dentre os textos tem-se a denominação de muxuango e caiçara, termos que se referem a um tipo humano habitante de certa porção do território e que se identifica com os ofícios de pesca, agricultura, extrativismo de pequena escala. Na atualidade alguns destes grupos humanos são considerados populações tradicionais, ligadas a uma prática econômica que emprega diretamente os recursos da natureza em sua reprodução social. É o caso, por exemplo, do conjunto dos trabalhadores da pesca artesanal.

Nas figuras e nos textos vemos os personagens retratados em cenas de seu ofício. O espia é aquele pescador que observa a movimentação dos cardumes e anuncia sua aproximação, desencadeando o cerco a partir da praia e do lançamento da rede. Está presente no sudeste e sul, ligados principalmente à época da safra das tainhas em sua migração para o norte. Tal pescaria tem registros ao longo do século XX e permanece ainda hoje nas praias.

O pescador de tarrafa é encontrado em várias localidades do país, tanto na pesca costeira quanto na pesca continental e é um pescador que domina a arte do arremesso da tarrafa – instrumento para ser operado de maneira solitária, o que dá a tônica das pescarias de tarrafa. Geralmente o pescador lança as tarrafas a partir das costeiras e das águas rasas buscando fugir das possibilidades de enganchar a rede em rochas e demais obstáculos. O pescador de pirarucu continua a capturar o imenso peixe a partir da fisga, manejada da pequena embarcação que circula nos lagos e canais amazônicos.

Os jangadeiros consistem em pescadores do nordeste do país, possuidores da embarcação característica, formada por uma balsa e a vela. É presente ainda hoje nas zonas litorâneas rurais e urbanas do nordeste, de onde partem para as jornadas de pesca que pode durar mais de um dia de pesca de linha ou de rede. A embarcação se adapta aos ambientes costeiros nordestinos, marcados pela presença de recifes e arrecifes, por onde o pequeno calado da jangada pode transitar.

Ainda no nordeste, as armadilhas são empregadas nas lagunas costeiras e nas águas rasas marinhas e estuarinas, onde galhadas são dispostas, criando um ambiente parecido a um recife artificial, concentrando a vida marinha e atraindo o pescado.

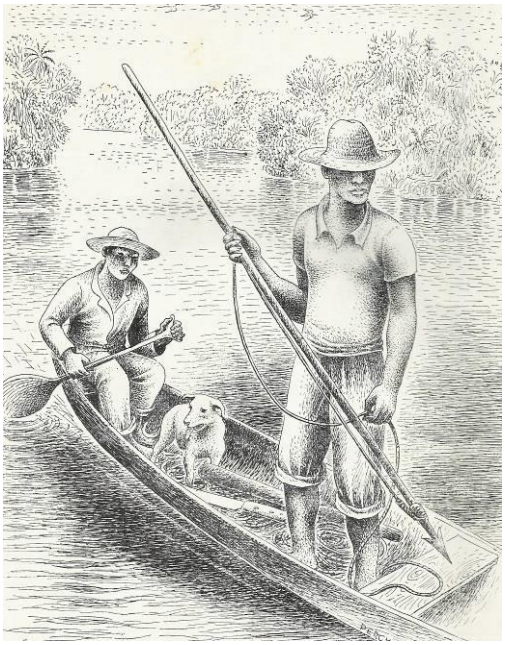

Figura 1 – Pescador de pirarucu: desenho principal – Percy Lau
Fonte: IBGE (1956)

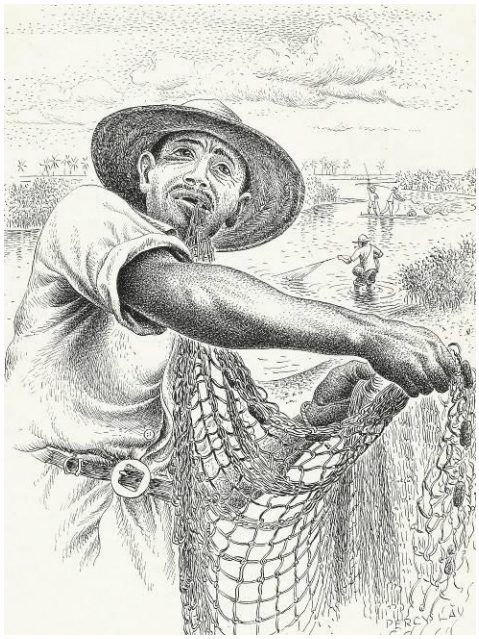

Figura 2 – O pescador de tarrafa: desenho principal – Percy Lau
Fonte: IBGE (1956)

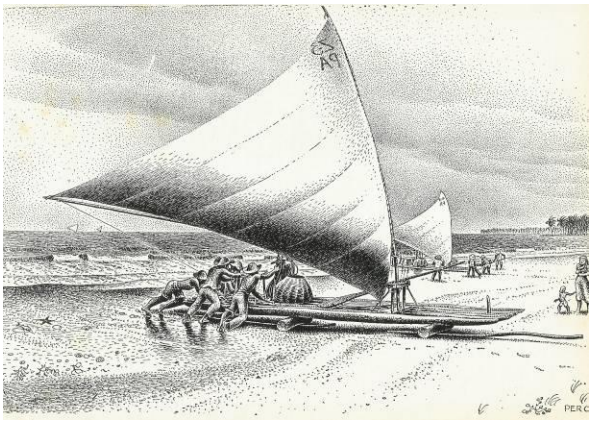

Figura 3 – Jangadeiro: desenho principal – Percy Lau
Fonte: IBGE (1956)

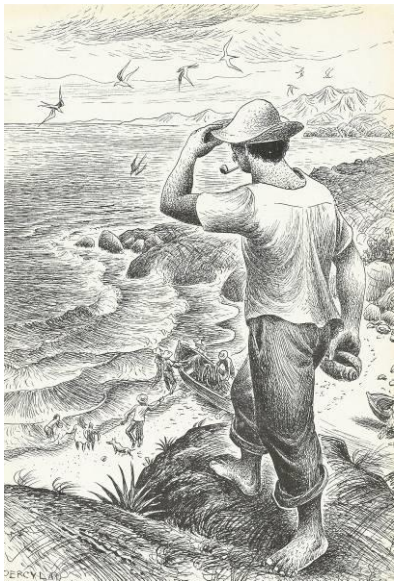

Figura 4 – O espia: desenho principal – Percy Lau
Fonte: IBGE (1956)

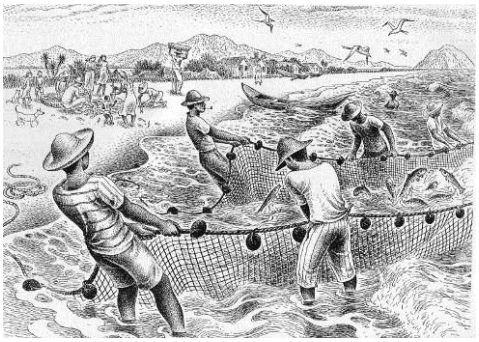

Figura 5 – Pescadores do litoral sul: desenho principal – Percy Lau
Fonte: IBGE (1956)

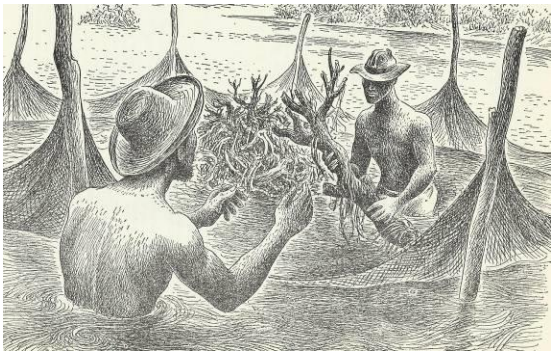

Figura 6 – Tipos de pesca do nordeste: desenho principal – Percy Lau
Fonte: IBGE (1975)

Com relação aos aspectos geográficos retratados nos excertos selecionados, verificam-se aspectos da natureza das localidades retratados e outros aspectos que remetem às características do grupo social, em aspectos de seu labor e de sua existência. Assim são retratados ecossistemas costeiros de restingas (Fig. 7), costões rochosos (Fig. 8) e manguezais (Fig. 9). Tais ecossistemas são encontrados ao longo do litoral brasileiro, com concentração em uma ou outra localidade, destacando-se as grandes manchas de manguezais no norte e nordeste do país, as amplas faixas de restinga do litoral sudeste e sul e as costeiras oriundas dos maciços costeiros da Serra do Mar no sudeste e sul do país.

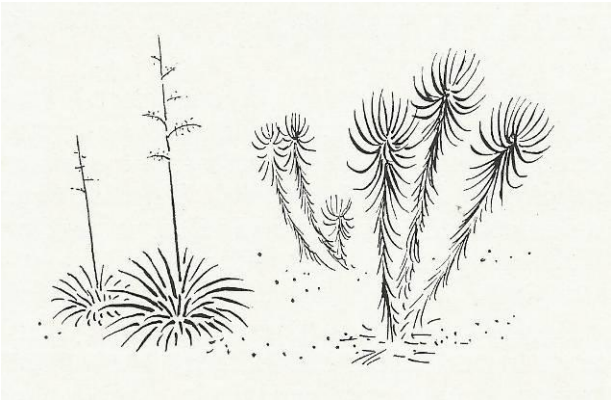

Figura 7 – Restinga: desenho secundário – Percy Lau
Fonte: IBGE (1956)

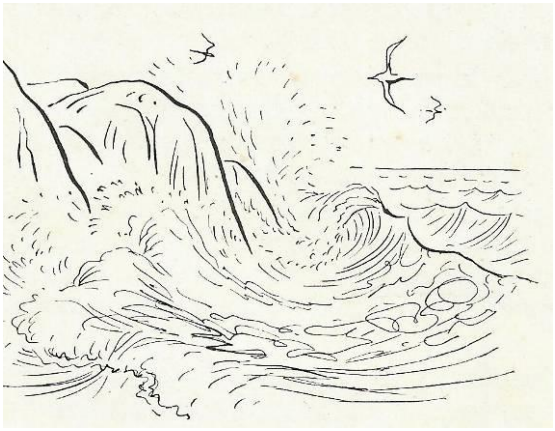

Figura 8 – Costeiras: desenho secundário – Percy Lau
Fonte: IBGE (1956)

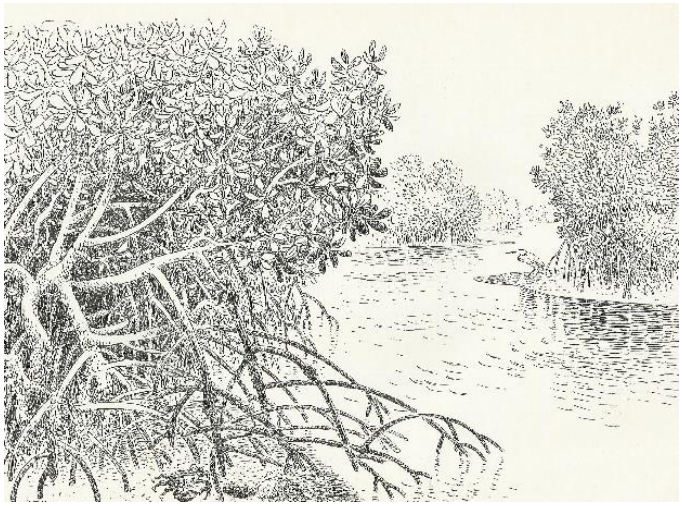

Figura 9 – Manguezais: desenho principal – Percy Lau
Fonte: IBGE (1956)

A casa do praiano (Fig 10), os viveiros de peixe (Fig 11), a organização da pesca de cerco no sudeste (Fig 12), o resultado da pescaria do pirarucu no norte do país (Fig. 13), consistem em aspectos das paisagens retratadas, a partir dos quais inferimos as ações e práticas dos sujeitos sociais habitantes e atuantes nas cenas retratadas.

Junto à casa do praiano do sudeste e sul brasileiros encontra-se a canoa, ao invés da jangada do nordestino, no viveiro de peixe verificamos uma aquicultura incipiente, que se moderniza e amplia seus impactos ambientais nos grandes tanques de carcinicultura. A puxada de rede do cerco da tainha agrega toda a comunidade e assim como a pesca do pirarucu termina com o trabalho em terra de arranjo e processamento da pescaria.



Figura 10 – A casa do praiano: desenho principal – Percy Lau –
Fonte: IBGE (1956)

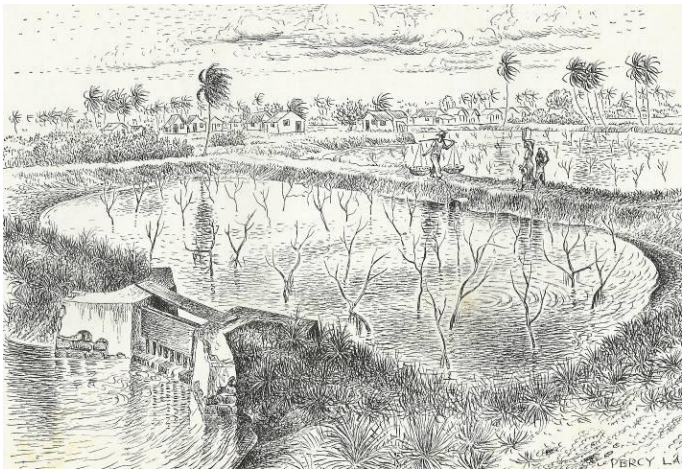

Figura 11 – Viveiros de peixe do Recife Desenho principal – Percy Lau –
Fonte: IBGE (1956)

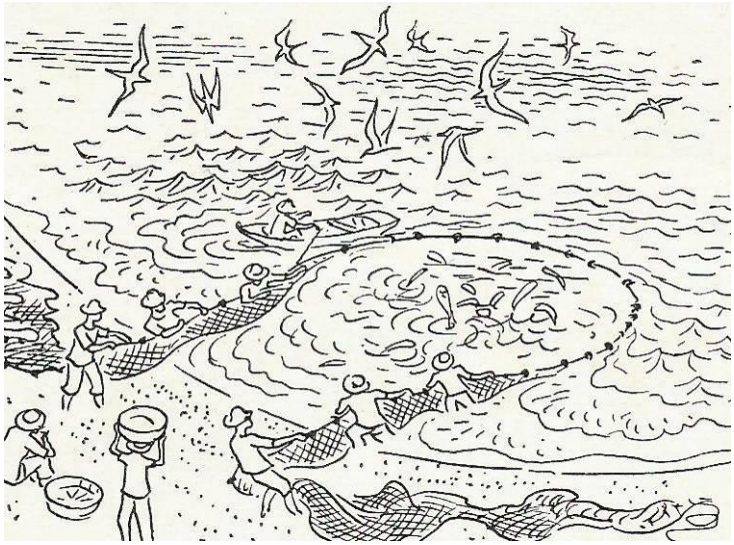

Figura 12 – A pesca de cerco
Desenho secundário do excerto “A casa do praiano” - Percy Lau –
Fonte: IBGE (1956)

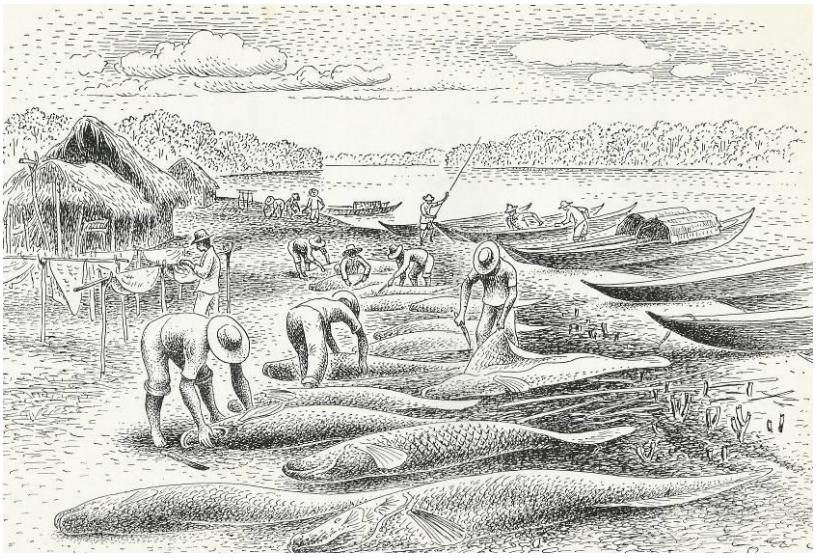

Figura 13 – A pesca do pirarucu
Desenho principal – Percy Lau
Fonte: IBGE (1956)

Por trás da curiosidade que tal material desperta, em grande parte devido ao trabalho ilustrativo que é peculiar, encontram-se parcelas do tecido social brasileiro que tem enfrentado problemas para sua reprodução social, em parte devido à predação dos recursos da natureza e em parte pela perda do acesso aos mesmos recursos, em função de questões de conflitos fundiários e territoriais.

Assim é na pesca artesanal contemporânea. Entre a época que os distintos tipos de pescadores foram retratados e os dias atuais, aquilo que era para ser extinto, em função dos

processos de modernização e industrialização da pesca engendrados a partir da década de 1960, resistiu e representa cerca de metade do produto pesqueiro extrativo no Brasil.

São espias, pescadores de tarrafa, pescadores de pirarucu e demais tipos que sustentam a produção extrativa da pesca brasileira, denotando a força e a permanência da pequena produção mercantil em meio aos processos de expansão da exploração/expropriação da pesca industrial. Do contrário verifica-se, em alguns casos, a extinção das empresas criadas com os incentivos governamentais e o retorno a uma pesca de pequena escala, conforme já retratado em trabalhos anteriores (CARDOSO, 2014).

Nas pescarias atuais, jangadeiros, caiçaras, caboclos e demais pescadores de pequena escala enfrentam conflitos nos espaços de produção e reprodução social, nas águas e em terra. É a destruição dos manguezais, o desmatamento das restingas, a ocupação das costeiras que acabam por gerar danos aos processos e produtos da pesca. Também se mobilizam contra as imensas ondas de poluição em terra e nas águas, a privatização dos espaços e a decorrente perda dos acessos aos territórios de vida, morada e trabalho.

Os espias, os pescadores de tarrafa, de armadilha, de fisga e os demais retratados há mais de meio século são os mesmos produtores de pequena escala, porém também se transformaram ao motorizar suas embarcações, trocar as fibras vegetais pelo naylon das redes de pesca, integrar circuitos de produção e cadeias produtivas que integram sua localidade e seus territórios em processos econômicos globais. Sendo ao mesmo tempo os mesmos, porém outros, desvelam o espaço geográfico desigual e combinado em que se inserem.

Olhando as imagens é possível pensar que se referem ao passado, porém vivem no presente e seu papel no futuro tem sido aventado como fundamental, ao possibilitar a reprodução social em consonância com o uso da natureza. Olhando o passado da pesca extrativa brasileira, permaneceu aquilo que era considerado primitivo, mostrando-se menos predatório do que era considerado o futuro – a indústria pesqueira. Hoje o desenvolvimento da aquicultura recoloca a problemática em termos semelhantes. É a questão que transita entre o primitivo viveiro de cultivo, ou as grandes estruturas de produção e processamento aquícolas, que implica em transformações técnicas, econômicas, sociais e territoriais.

A pequena produção mercantil na pesca brasileira

Afastada das principais políticas e recursos fomentadores da pesca industrial no passado, a pesca artesanal ainda é responsável por mais de 50% da produção extrativa brasileira e abrange um universo de cerca de um milhão de produtores – de acordo com os números oficiais. Predomina no norte e nordeste do país e tem no sudeste e sul um contingente significativo de produtores.

De acordo com as Estatísticas da Pesca, em 2006 o Brasil produziu 1.050.808 toneladas de pescado, das quais 50,2% oriundas de capturas marinhas, 23,9% capturadas em águas continentais, 7,7% cultivadas no mar e 18,2% cultivadas em águas continentais (IBAMA, 2008). Em outra seção, as estatísticas indicam que o setor de pesca extrativa artesanal foi responsável por 48,3 % da produção de pescado no ano de 2006, a pesca extrativa industrial respondeu por 25,8% do pescado produzido e a aqüicultura (marinha e continental) 25,9%. No norte e nordeste do país, a pesca extrativa artesanal respondeu, respectivamente, por 78,4 e 66,2% da produção regional.

De acordo com Diegues (1983), duas formas de organização da atividade pesqueira se enquadram dentro do conceito de pequena produção mercantil: a pequena produção mercantil simples dos pescadores-lavradores e a pequena produção mercantil ampliada dos pescadores artesanais. O objetivo de ambas é a produção de valores de troca, sendo os produtores proprietários dos meios de produção, utilizando tecnologias de baixo poder de predação, dominam o saber fazer e o processo de trabalho, empregam força de trabalho familiar ou do grupo de vizinhança e a apropriação do produto é regida pelo sistema de partilha.

Analisando a pequena produção mercantil na pesca, pode ser apontado o papel que esta exerce na reprodução do capital do setor pesqueiro, sua subordinação aos mecanismos de intermediação e os conflitos com as modalidades de produção pesqueira com maior incremento de tecnologia e capital.

Podemos ver nesse processo os personagens retratados por Percy Lau no século passado, porém acrescidos de novas problemáticas. As turmas e o espia para a pesca da tainha no sudeste e sul permanecem e em Santa Catarina a pesca ganha a exclusividade das praias frente aos surfistas durante os meses de inverno.

O pescador de pirarucu do norte do país convive com as reservas da natureza e de uso sustentável, ou então com os acordos de pesca e busca manejar as capturas para não extinguir os recursos.

No nordeste as jangadas, os currais e demais armadilhas de pesca permanecem nas praias, ao lado dos hotéis, resorts e demais empreendimentos turísticos, à custa de muita resistência frente aos processos de expansão dessas estruturas.

As restingas, costeiras e manguezais sofrem constantes processos de degradação e passam a ser motivos para as campanhas de preservação e de uso sustentado por parte das populações tradicionais, das quais os pescadores constituem uma das categorias que se identificam nessas reivindicações.

As casas dos praianos resistem à especulação imobiliária e ao turismo de segundas residências que passam a ocupar as praias cada vez mais urbanizadas. Os tanques de carcinicultura marcam cada vez mais as paisagens de mangues e terrenos lindeiros nordestinos, dentro do processo de expansão da aquicultura.

Questões com as quais os pescadores artesanais brasileiros se defrontam em seus espaços de vida e trabalho, foram identificadas em trabalhos anteriores. Foram apresentadas problemáticas relacionadas aos organismos políticos de representação dos trabalhadores da pesca, a interlocução com os poderes públicos, as questões relacionadas à economia do pescado, à degradação dos ambientes aquáticos, questões relacionadas aos lugares de moradia dos trabalhadores da pesca, que envolve demandas relativas à saúde, educação, comunicação, entre outras, além de questões que trazem uma dimensão eminentemente territorial (CARDOSO, 2001).

A análise de documentos de encontros de pescadores revela estas preocupações e problemas para os quais os pescadores e suas organizações buscam enfrentar, traduzidos em embates territoriais, acesso aos recursos, direitos ancestrais e outras questões. As estratégias de luta se atualizam e persistem na perspectiva de sua reprodução enquanto sujeitos e trabalhadores do mundo das águas.

Considerações finais

Para cada uma das treze cenas selecionadas, verificam-se os processos de permanência dos “tipos e aspectos”, porém dinâmicos, atualizados e que comportam novas problemáticas territoriais. O conjunto do material selecionado pode ser considerado documentos escritos e visuais da atividade pesqueira e dos sujeitos que a exercem. Pensar a pesca a partir deste conjunto implica em decifrar tais documentos, remontando ao passado e trazer a sua permanência no Brasil contemporâneo. Tal situação demonstra que para os “tipos e aspectos” da geografia da pesca do Brasil são postos limites e conflitos para sua reprodução social.

Tal questão denota ainda a permanência da pequena produção pesqueira e seu papel contemporâneo, buscando fugir da completa expropriação perante os mecanismos de produção e circulação da riqueza produzida na pesca, bem como buscando manejar os recursos pesqueiros de modo a garantir sua reprodução econômica e social.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Perda** In: <http://em-prosa-e-verso.blogspot.com.br/> acesso em 20 de fevereiro de 2015.

CARDOSO, Eduardo Schiavone. **Pescadores Artesanais: Natureza, Território, Movimento Social.** Tese de Doutorado – Geografia. São Paulo: FFLCH-USP, 2001.

CARDOSO, Eduardo Schiavone. Pesca e Dinâmica Espacial em São Sebastião – SP. **Geoamazônia**, v.4 n. 2, p.91-107, 2014.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana. **Pescadores, Camponeses, Trabalhadores do Mar**. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

IBAMA. **Estatísticas da Pesca**. 2006. Brasília: MMA, 2008.

IBGE. **Tipos e Aspectos do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 6ª edição, 1956.

IBGE. **Tipos e Aspectos do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 10ª edição, 1975.